

a vida no escuro



Tânia Alexandre Martinelli

Ilustrações de Daniella Domingues

# a vida no escuro

1ª edição



**Copyright** © Tânia Alexandre Martinelli, 2011

---

Gerente editorial: ROGÉRIO GASTALDO DE OLIVEIRA  
Editora-assistente: KANDY SGARBI SARAIVA  
Auxiliares de serviços editoriais: MARI KUMAGAI/RUTE DE BRITO  
Estagiário: DANIEL DE OLIVEIRA FAGUNDES DA SILVA  
Produtor gráfico: ROGÉRIO STRELCIUC  
Gerente de Artes: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Coordenação editorial: VERBA EDITORIAL  
Projeto gráfico e capa: ROSANA MARTINELLI  
Suplemento de Trabalho: VERBA EDITORIAL  
Preparação de texto: JULIANE KAORI  
Revisão: LARISSA LINO BARBOSA/ RENATO POTENZA RODRIGUES  
Impressão e acabamento:

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Martinelli, Tânia Alexandre  
A vida no escuro / Tânia Alexandre Martinelli ; ilustrações de Daniella Domingues. — São Paulo : Saraiva, 2011. — (Coleção Jabuti)

ISBN 978-85-02-13136-1

1. Literatura infantojuvenil I. Domingues, Daniella. II. Título. III. Série.

11-07666

CDD-028.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção : Literatura juvenil 028.5



**Editora  
Saraiva**

---

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros  
CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0xx11) 4003-3061  
www.aticascipione.com.br  
atendimento@aticascipione.com.br  
CL: 810168  
CAE: 571399

8ª tiragem, 2018

---

Todos os direitos reservados à SARAIVA Educação S.A.

Para Nair e Pedro Casagrande.



As paredes da sala ressoavam lembranças. Elas estavam lá, dependuradas. Todas as fotografias.

Fabiano e a mãe fazendo castelo de areia na praia. Quantos anos deveria ter? Cinco, no máximo seis. A mãe era linda. Usava um maiô inteiro azul. Azul como o céu da fotografia. Tinha a pele rosada, bronzeada pelo sol de janeiro. Ele, loirinho, sorriso maroto com o canto dos lábios, a cabeça inclinada próxima ao braço da mãe. Deixara os pequenos olhos azuis quase fechados, tentando amenizar a luz do Sol que batia em sua face.

Fabiano entre os irmãos. O braço de um por cima do ombro do outro. Esta tinha sido logo após o jogo, no dia em que se tornara campeão. Era muito bom no vôlei. Sabia disso. Marcelo e Lídia haviam saltado da arquibancada para beijá-lo no momento em que o juiz apitara o final da partida. Alguém fotografara os três, não lembrava direito quem. Consequira a foto com o professor de Educação Física.

— Você merece — ele disse. — Fica como um presente meu.

Fabiano estendeu a mão e pegou a fotografia. Já ia saindo, quando o professor o chamou de volta.

— Você é muito bom. Invista nisso.

Fabiano sorriu.

— Tá certo, professor.

Colocou a foto num quadro, juntando às outras mais tarde, na parede da sala. Tinha então catorze anos. Não fazia muito tempo. Dois anos, não mais que isso.

Fabiano e o pai abraçados. Lídia batera a foto. Estavam todos na piscina da chácara, ele e o pai tomando conta do churrasco. A irmã tinha pedido para os dois fazerem uma pose. De um lado, o pai abraçava Fabiano; do outro, segurava um espeto de carne.

Fabiano e Rosana. Um de frente para o outro. Olhos fechados, lábios delicadamente colados. Era a lembrança que mais lhe doía.

Rosana era meiga, o rosto miúdo. Os olhos castanhos, pequenos e redondos, conferiam-lhe o olhar de uma garotinha frágil, indefesa. Quanto engano. Se assim fosse, ela não teria dito tudo o que dissera, todas aquelas palavras. Tinha sido dura, sim. Cruel, Fabiano pensou. Culpado, Fabiano sentiu-se. Um nada.

Fabiano passou a mão trêmula pelo rosto de Rosana. Deslizou-a pelo vidro do retrato até encostá-la no lábio da menina. O calor daquele beijo quase ali. Na ponta dos dedos. O quadro se mexeu, ficou torto, por muito pouco não caiu.

Piscou duro por duas vezes e novamente se deteve na parede de memórias. Tentou contar. Quantas memórias havia ali? Quinze? Vinte? Quarenta? Os quadros estavam se duplicando, triplicando à sua frente. Sua visão tornava-se embaçada outra vez.

Cambaleou ao aproximar-se da parede para enxergar melhor e esbarrou o braço no quadro em que beijava Rosana. O quadro caiu. Antes que Fabiano caísse junto, ainda pôde ouvir o vidro se quebrando. O som do estilhaço era o próprio som da sua vida. Destruída.

De nada mais lhe adiantavam as fotografias. Nem Rosana, nem ninguém. Agora era tarde. Fabiano estava morto.

começo

— Como estou, Lídia?

— Muito bem, mamãe! Linda!

— Também não exagera, vai!

Sandra fechou o sorriso tão logo avistou Fabiano dei-

tado no sofá. A cara amarrada, os olhos voltados para aquele piso frio. Ele todo assim. Não estava feliz com a ideia de passar o final de semana na chácara, nem que o motivo fosse o aniversário da mãe.

Ao sentir-se o foco da atenção de Sandra, Fabiano quebrou o silêncio, jogando a pergunta:

— E o papai?

Sandra segurou a resposta por um instante.

— Eu já falei, Fabiano. Seu pai não vai.

O garoto sentou-se num impulso, o rosto sombrio.

— E por que não? Por acaso tem muito trabalho para este fim de semana?

— Fabiano, seu pai deve ter muito trabalho, sim, mas não é esse o caso.

Lídia intrometeu-se na conversa:

— Fabiano! Vê se cresce, garoto!

— Não me enche, Lídia!

Fabiano foi para o quarto. Lídia aproximou-se da mãe, colocando a mão no ombro dela. Sandra disse:

— O Fabiano não consegue entender...

— Com o tempo ele se acostuma.

— Sempre achei que o Marcelo é que fosse me dar problema.

— Mãe, o Marcelo não é mais nenhum bebê. Já tem dez anos!

— Só dez, você quer dizer.

Lídia era a filha mais velha, tinha dezessete anos. Fabiano, catorze.

— Dê tempo ao tempo, mãe. Você vai ver, as coisas vão mudar.

Sandra fez um sinal positivo com a cabeça, mais para si própria do que para a filha. Logo depois, dirigiu-se até o quarto de Fabiano. Abriu a porta devagar. Ficou ali na entrada, observando. Em silêncio.

Enquanto mexia em alguns papéis sobre a cama, Fabiano disse:

— O pessoal vai treinar amanhã.

— Hein?

— O vôlei, mãe. Tem o campeonato na segunda, esqueceu?

— Puxa! É mesmo! — Sandra foi entrando devagar, fechando a porta do mesmo modo como abrira. Até sorriu. Sentou-se na cama ao lado dele e continuou: — Por um instante eu tinha esquecido que nós temos um campeão aqui em casa.

— O pessoal vai treinar amanhã — repetiu, ignorando o comentário da mãe.

Sandra deu um suspiro.

— Fabiano. Gostaria muito de comemorar o meu aniversário. Com você.

O garoto ficou quieto. O mesmo gesto repetitivo com os papéis, os olhos sobre a colcha. Sandra falou com jeito:

— Filho, não tinha cabimento chamar o seu pai.

Fabiano encarou-a. Uma frieza:

— E por que não? Vocês não vivem dizendo que se separaram mas que continuam amigos? Então, isso não é verdade? Pensa que eu sou bobo, mãe? Mentem o tempo todo, isso sim!

— Fabiano! — ela ergueu o tom de voz. — Quero ir para a chácara descansar um pouco! Será que isso não é possível? Como convidar seu pai, meu filho? A gente acabou de se separar! Vamos dar um tempo, pelo amor de Deus!

Fabiano levantou-se, indo à escrivaninha. Enfiou os papéis na primeira gaveta que abriu. Fechou-a com força. Aquele barulho. Mirou a mãe.

— Acho que eu precisava treinar. Não ando muito bom nas cortadas, tenho errado bastante... Fiquei as férias de julho praticamente sem treino. Agora que começaram as aulas...

— Fabiano — a voz de Sandra era firme. — Nós va-

mos para a chácara agora. Logo vai anoitecer e eu não gosto de pegar a estrada muito tarde da noite. Ainda mais na sexta-feira. O movimento é grande. Pegue suas coisas, por favor. Depois conversamos mais, está bem?

## chácara

A chácara ficava a cinquenta quilômetros de São Paulo. Havia uma pequena casa logo na entrada, onde moravam o caseiro e a mulher. Seu José e dona Carmelina esperavam a patroa na varanda. Viram quando o farol iluminou a entrada do local e reconheceram o carro.

— Chegaram — seu José foi abrir o portão.

Sandra colocou a cabeça para fora da janela do automóvel.

— Tudo bem por aqui, seu José?

— Claro. Tudo em ordem, esperando a senhora.

— Que bom! Olha, a minha irmã e a família dela chegam hoje. Não devem demorar, estão na estrada a essa hora.

O homem assentiu com a cabeça. Sandra engatou a marcha do carro e foi descendo devagar até a casa principal. Olhou pelo retrovisor seu José fechando o portão. Estacionou o carro numa cobertura da casa que servia de garagem e desceu.

Sandra inspirou fundo, esticou os dois braços para cima, espreguiçando-se. Olhou ao redor, sorriu. A grama bem aparada, a piscina limpa.

— Isto aqui tá do mesmo jeito de sempre! — disse Fabiano, com pouco-caso.

— Ora! Ainda bem! — ela falou, sem dar a mínima importância para o mau humor do filho. — Sinal

